

O chão da clínica I♦

(Seminário clínico da EBP-Rio 2025)

O sujeito

Marcus André Vieira

Retomamos o seminário clínico hoje, quero agradecer ao convite da Diretoria, Rodrigo Lyra e sua diretoria, pela confiança. Quero também nomear dois pequenos grupos que ajudaram demais no trabalho de preparação para este seminário. Um grupo que se convencionou chamar *chão*. Trabalhamos ao modo relâmpago em fevereiro: Heloísa Bedê, Mirmila Musse, Ana Lúcia Lutterbach, Cleyton Andrade, Vinícius Lima, José Augusto Rocha e Gilson Ianinni. E o grupo que está tocando comigo o curso do ICP, *A vida cotidiana da psicanálise* na Cinelândia na ABI, porque o que vou trazer hoje sobre o sujeito vem a partir do debate riquíssimo que está acontecendo lá e que semana passada foi sobre este tema. Aspazia Barcelos, Daniele Menezes, Juliana Villa-Forte, Hanna Schiavo, Juliana Nery, Jefferson Nascimento e Eduardo Lobo. Quero ainda agradecer a Flavia Cera e José Augusto Rocha, que vamos ouvir já-já disponibilidade e a ousadia. Assim com Marcia Zucchi por seu desprendimento em concordar em repetir a experiência de encarnar o ao menos um do público que fala logo após ouvir, no frescor da experiência. De todo modo, a ideia é deixar o comentador que prepara seu texto de lado.

Do chão

Duas palavras sobre a expressão “Chão da clínica” que batiza esse nosso Seminário.

A ideia forte é partirmos de um solo comum sobre nossos conceitos básicos e como operamos com eles hoje. Imediatamente é preciso perguntar: o que constitui nosso solo, o que faz nosso chão?

Não serão valores comuns que partilhemos, certo? Senão voltaríamos a conduzir as análises com base na identificação com o analista, com seus valores, por melhores que sejam. Não. Nossa clínica, posto que lida com a raiz do ser, abrange um leque aberto, sem pré-definição, de possibilidades subjetivas. Os modos subjetivos incompatíveis com o trabalho analítico existem, claro, mas estão muito mais do lado do praticante, daquilo que ele não pode tolerar em termos de seus valores - analisar um torturador, por exemplo.

♦ Texto redigido por Juliana Villa-Forte com base nas notas do autor e na transcrição do primeiro encontro do Seminário Clínico da EBP-Rio, 14 de abril de 2025. Versão final do autor.

Serão então uma língua própria? O jargão obscuro dos lacanianos? Espero que não. Não é o que faz de nós uma tribo a mais que nos reúne, mas sim nosso meio de trabalho. O modo como se desenrola nossa prática.

Nova pergunta, então, sempre a renovar: qual a materialidade de nossa prática? Creio que vamos concordar que não é o gozo, nem o *real*. Ambos os termos, tem acepções tão vastas que escapam à apreensão, são condicionantes de nossa clínica, mas são por ela condicionados. Nomeiam mais o informe e o imaterial. Quero excluir ainda, de nosso chão, os afetos, pois estes, apesar de protagonistas fundamentais, são necessariamente coletivos, a tristeza, por exemplo é um modo de se afetar por uma relação singular com o Outro, mas, justamente, trocando a singularidade por um modo comum de sentimento.

Voltemos, então, para o texto manifesto que praticamente inaugura o ensino de Lacan “Função e campo da fala...”. Aqui reside nosso chão, as falas são nosso meio, meio de ação, mas igualmente nosso meio ambiente clínico. Vivemos disso. Tomo “falas”, claro, em um sentido abrangente. Não só fala falada, verbal, mas gestos, sentimentos etc.

Nas falas, porém, resumo agora todo um percurso desse texto, nossa matéria prima são as inscrições, aquilo que se escreveu em nós. Tudo começa no Outro. As falas ouvidas, sentidas vividas, os desejos do Outro, nos constituem, certo, mas o que conta é o modo como aquilo se inscreveu, ficou registrado.

Tudo parte da ideia de que uma experiência vivida é muito maior do que podemos viver dela, do que podemos lembrar, entender, sentir. É isso o que diz a teoria do significante. A experiência analítica é toda conduzida por elementos de registro, traços mnésicos, ou representações nos termos de Freud porque eles registram a vida, sem poder no entanto recriá-la em sua dimensão total. Por outro lado, apenas através deles podemos chegar ao que dela se reteve de seu real. Não é porque lembro de uma bela manhã de sol que estou perto do que foi aquela experiência, mas sim quando me detenho em algum detalhe dela.

Um exemplo: Lacan em seu primeiro seminário fala em elefantes, por isso a capa do primeiro cinema seminário é um elefante. Pois bem, já ouvi gente dizendo que essa capa é em homenagem ao analista que teria orelhas grandes como as do elefante para ressaltar a importância da escuta em uma análise.

É um bom exemplo do que é trabalhar com essências. Exatamente o que não é o trabalho do analista. Segundo esse exemplo, a essência do elefante, orelhudo, definiria a essência do analista, ouvidor. Uma analogia de essência a essência. Ora, o que conta em uma análise é o que se faz com aquilo que se registra, tipo, “ele” “fã”, “iante”, “fante”, “lele”, e por aí vai. Estou simplificando, mas uso os fonemas para dar exemplo do que está em jogo com o significante.

Espero dar a ideia de que o que conta para o analista não é o ser, não é o sentido. A psicanálise opera mais com as fixações dos dizeres, para dizer no modo mais direto, mais com o som que com o sentido.

O sentido é fundamental para se viver, para ser o que se é, para se permanecer no que se é, não para mudar. A psicanálise é uma clínica da mudança, de transformação e isso só se consegue quando se leva a sério as coisas que são e mais as coisas que são mais ou menos, que podem ser ou não, mais as

letras que as mensagens. Por isso, em “A palavra que fere”, J. A. Miller vai propor, em uma bela fórmula, que a escuta analítica se toma a fala como texto, quando há “uma transmutação da fala em escrita”.

Do sujeito

Essa é nossa matéria, a matéria significante. Partimos do início do ensono de Lacan, mas essa premissa o atravessa de ponta a ponta, basta lembrar do termo neológico que cunha em seu último ensino: *moterialité*, reunindo *mot*, palavra e materialidade. Nossa matéria são as palavras, tomadas em sua composição de traços, letras e não por seu sentido.

A materialidade significante, não existe, porém, sem um dado fundamental, o espaço, o intervalo. De modo rápido: no mínimo porque é preciso parar para respirar. Mesmo nas línguas tonais, é preciso interromper a voz aqui e ali e isso conta. O mundo do sentido pode ser contínuo, posso ir de um rio par ao mar sem interrupção. Posso imaginar um grande ser que a todos inclui. No mundo do significante não. EM vez de ocultar os espaços na fala, ao contrário, o modo-escrita da linguagem vai valorizá-los. Vai segmentar e opor traços. É exatamente porque há descontinuidade que há elementos e que os elementos podem se combinar e descombinar, traduzindo acontecimentos sem eles mesmos serem acontecimentos de sentido, apenas letras.

O espaço, o vazio, a função do intervalo e de seu uso como corte, é nesses elementos operatórios de uma sessão que Lacan vai basear seu conceito de sujeito que, por isso, não poucas vezes denomina sujeito do significante.

Duas palavras, então, sobre o sujeito para passarmos aos fragmentos clínicos.

O termo *Sujeito*, ou mesmo o conceito, não existe na obra freudiana. Não há nem um termo equivalente em alemão. Lacan escolheu um termo em francês para nomear o que Freud tinha deixado implícito apesar de presente em sua prática.¹

Lacan se aproveita da distinção que existe em sua língua materna entre o termo sujeito [*sujet*, que quer dizer muita coisa] e a pessoa, o indivíduo [*moi*]. São dois termos que falam de coisas muito próximas e ainda assim distintas. Vejam o que encontramos indo ao dicionário.

Sujet em francês (consultando o dicionário Larousse), aparece com vários sentidos: Sujeito como tema; matéria (colégio); ponto (da prova); cobaia; padronagem (na tapeçaria); sujeito linguístico (sujeito da frase), célula musical. É apenas a partir da 13ª colocação, para o falante francês, que vem o sujeito como indivíduo, pessoa, como sujeito da filosofia clássica, o sujeito cartesiano. Então, *sujet* é mais um traço, uma forma lógica do que alguém.

Já em português (consultando o dicionário Houaiss), é o contrário, primeiro o sujeito aparece como: indivíduo; pessoa (admirável ou imprestável); aquele que age; sujeito que pensa (da filosofia clássica, de Descartes). Só no final, o 11º significado, que aparece o sujeito como “tema”.

Precisamos, então, fazer o esforço de parar de pensar no sujeito, como conceito lacaniano, no sentido de indivíduo. Quando Lacan escolheu *sujeito*, não foi com a

intenção de trazer um nome psicanalítico para o que já conhecíamos como pessoa, indivíduo. A ideia era perturbar. Ele estava apoiado em sua língua que faz a diferença entre *sujeito* como algo mais desencarnado e *eu [moi]*, esse sim o indivíduo, a unidade nascísica, a subjetividade.

Lacan propõe afastar do sujeito toda a psicologia, sujeito não é ninguém, sujeito é um intervalo e vazios não bebem água, furos não andam na rua. Então é preciso lembrar a cada instante que quando Lacan usa o termo *sujet*, está criando confusão. Nós, infelizmente, seguimos usando sujeito como alguém.

Da função sujeito

Proponho reter, então, três definições canônicas do sujeito:

1) Sujeito é intervalar: O sujeito só existe entre duas ideias ou dois nomes, dois significantes.

As falas de sujeito surgem exatamente no vão entre dois elementos da identidade. Entre “brasileiro” e “carioca” virá o “russo” caso haja espaço entre eles o bastante para que venham a se precipitar essas coisas esquisitas que - se eu tiver boa vontade e puder deixar em aberto o termo “russo” - pode me trazer a lembrança das peladas da infância quando me chamavam de russo por não ser preto como os meus companheiros. Nos termos de Lacan o sujeito é o que aparece entre dois significantes da cadeia consciente. Entre dois predicados, duas essências que me constituem, dois elementos de meu currículo individual, aparece um sujeito. Assim leio a fórmula conhecida: *sujeito é o que um significante representa para outro significante*.

2) Sujeito é hiância (intervalo) e texto. Ao mesmo tempo como aquilo que aparece entre dois significantes, mas que aparece como texto entre-dois, fala de sujeito.

A segunda premissa conceitual fundamental do conceito de sujeito segundo Lacan torna-se, então, clara. *O sujeito do inconsciente é sempre texto e hiância*. Ele é fala que aparece no vazio e que é por isso, também vazia de corpo. Ele não é silêncio, porém, é vazio e fala. É a fala que traz o vazio ou o vazio que faz aparecerem as falas? Não importa. Abrindo uma porta ou entrando pela porta aberta, as falas de sujeito não existem se não houver esse vazio, que às vezes se introduz sob a forma da surpresa, ou do estranhamento. Quero insistir nesse ponto de que a hiância, o furo, por si só não vale. E isso tem consequências técnicas. Só quem tem a vida ganha pode ficar furado e sair da sessão. Só quem tem tempo livre pode ter tempo morto, só quem tem fé pode assumir que o silêncio está prenhe de significados. Na nossa formação lacaniana clássica, buscamos aberturas para depois vir o texto. Está na hora de invertermos essa ordem. Buscamos textos alternativos para ver se vem abertura.

3) Nesse vazio, entre dois, isso fala. Não é outra pessoa, escondida, uma menina traumatizada, mas um *isso*.

“Isso” desde Freud designa o que é o modo de existência do sujeito que nos interessa. Um isso, um modo de fala, inesperada ou surpreendente, o recalcado

por exemplo surgindo na consciência, que não se sabe bem de quem é. Mesmo quando sei que sou eu na carne, é estranho. Esse recalcado só pode surgir porque é o vazio, o intervalo, mas também poderemos dizer que é só porque há essa fala nova que há vazio. E, finalmente, nesse espaço o sentimento de verdade é flagrante. É ali, entre dois, que está a minha verdade como ser. Sinto como verdade justamente porque tem menos consistência que as falas do Outro que definem meu eu. E é por isso que há mudança, ressignificação, como dizemos. Porque será preciso, no lugar do furo, colocar alguma coisa, senão o furo se fecha. E no lugar do furo aparece o Isso, aquilo que tem valor de verdade sem ter exatamente essência clara.

Do falasser

São definições muito práticas, quase técnicas. Só é preciso esquecer a personalidade do sujeito. Sejam radicais.

Aqui, me parece que a entrada do *falasser* em cena no ensino de Lacan radicaliza as coisas. Lacan, nesta época sintetiza vários conceitos em alguns neologismos, este é um deles. *Falasser* é um neologismo encruzilhado, que aparece, por exemplo em *A terceira*. O termo cruza em si mesmo três elementos, 1) o ato de falar [*parler*] 2) Ser alguma coisa, consistir [*être*] 3) e a letra [*lettre*].

Se a fala é uma mobilização dos registros, traços, significantes, seguindo as redes de sentido que nos são dadas pelo Outro, se os sons se articulam em discurso seguindo essa linha, apenas a partir das fixações de traços é que qualquer acesso ao sentido é possível, assim como uma ordenação e totalização de nossos próprios corpos é possível.

É o que o outro diz de nós, que nos dá ser, mas é o modo como isso se registra que conta, pois é ele que localiza o modo como a vida gozará desse corpo, ou nesse corpo. Cada um à sua maneira, com seus *lelefantes* vai se *alfabestizando*, fazendo seus traços-letra comporem os discursos comuns, que nossa vida coletiva exige. Apenas assim se é ser, ser graças às letras que estão embutidas na fala.

¹ Cf. Cabas, A. G. O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.